

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Watakushi no Kiroko: memória e construção da narrativa histórica nas fronteiras dos estudos literários e de gênero.

Hilda Pivaro Stadniky¹

Resumo: A historiografia contemporânea tem reservado espaço cada vez maior à escrita autobiográfica, às memórias e ao romance biográfico e nossa proposta é uma reflexão sobre a memória, a escrita da história e as representações do passado a partir das primeiras obras literárias escritas por isseis e nisseis no Brasil. O exercício autobiográfico ocupa lugares mentais por excelência, o autor recapitula o espaço e o tempo, contribuindo para a elaboração de uma história individual e coletiva. No interior de uma *ordem simbólica*, onde a própria linguagem é um instrumento de *opressão*, os gêneros masculino e feminino expressam concepções acerca da vida e da natureza, são capazes de reconstruir o sentido da experiência do cotidiano na pluralidade da vivência familiar. A família de nipo-brasileiros, suas práticas culturais, as estratégias de manutenção da identidade grupal e os espaços vivenciados são os focos centrais de análise e que nos permitem refletir acerca das relações entre memória e construção da narrativa histórica nas fronteiras dos estudos literários e de gênero.

Palavras-chave: Memória, narrativa história, fronteiras.

A historiografia contemporânea tem reservado espaço cada vez maior à escrita autobiográfica, às memórias e ao romance biográfico e nossa proposta é uma reflexão sobre a memória, a escrita da história e as representações do passado a partir das primeiras obras literárias escritas por isseis e nisseis no Brasil. Tal produção tem se prestado a revelar aspectos de uma intimidade preservada ao longo dos séculos da história e propicia a insurgência de um vivido, marcado pelo recato, pelo segredo, pela sutileza ou, mesmo, por um cotidiano enredado em obediência, submissão, acomodação, resistência e/ou afirmação. O fenômeno literário, tomado como conjunto de elementos interdependentes, que agem em interação, desenvolve-se historicamente dentro de um outro sistema maior, revelando todas as nuances da cultura, recriando aspectos da realidade. Inquestionável, portanto, a contribuição de tais vivências, cujos relatos são convertidos em documentos escritos e publicados, legados aos vindouros.

A biografia, a autobiografia, o diário, o romance autobiográfico, as memórias e a carta, se instituem cada vez mais como gêneros narrativos capazes de recuperar na espessura da vida cotidiana os momentos de resistência e de insurgência do vivido. A escrita do e sobre o *eu* é, antes de mais, um ato de consciência, um exercício espiritual. O exercício autobiográfico ocupa lugares mentais por excelência, e pelo recurso à lembrança e à memória o autor

¹ Docente do Programa de Mestrado em História, Universidade Estadual de Maringá.

recapitula o espaço e o tempo, contribuindo para a elaboração de uma história individual e coletiva. O passado encontra sempre o modo de inserir-se no presente, escolhendo para ele as consequências de episódios mais ou menos tangenciais que se produziram de forma paralela a fatos com grande carga histórica. No interior de uma ordem simbólica, onde a própria linguagem é um instrumento de opressão, os gêneros masculino e feminino expressam concepções acerca da vida e da natureza, são capazes de reconstruir o sentido da experiência do cotidiano na pluralidade da vivência familiar. Escrever, entre outras coisas, é uma busca de liberdade, um exercício de poder simbólico, uma re-invenção do mundo, uma exploração do sentido da vida.

A autoria da narrativa expressa uma posição diante do mundo, a renomada experiência. Isto autoriza a presença do *eu* que escreve e narra, e que é portador de um ponto de vista próprio, que revela um olhar, uma perspectiva. Reitera-se deste sujeito narrador uma posição consciente acerca de seu papel social e do seu direito de expressão.. A família de nipo-brasileiros, suas práticas culturais, as estratégias de manutenção da identidade grupal e os espaços vivenciados são os focos centrais de análise e que nos permitem refletir acerca das relações entre memória e construção da narrativa histórica nas fronteiras dos estudos literários e de gênero.

O exercício autobiográfico ocupa lugares mentais por excelência, o autor recapitula o espaço e o tempo, contribuindo para a elaboração de uma história individual e coletiva. No interior de uma ordem simbólica, onde a própria linguagem é um instrumento de opressão, os gêneros masculino e feminino expressam concepções acerca da vida e da natureza, são capazes de reconstruir o sentido da experiência do cotidiano na pluralidade da vivência familiar. A família de nipo-brasileiros, suas práticas culturais, as estratégias de manutenção da identidade grupal e os espaços vivenciados são os focos centrais de análise e que nos permitem refletir acerca das relações entre memória e construção da narrativa histórica nas fronteiras dos estudos literários e de gênero.

Na narrativa autobiográfica, o protagonista/personagem torna-se interlocutor de sua própria experiência e de sua inserção no mundo como cultura e como natureza. A biografia e a autobiografia assumem a possibilidade de representação, se prestam a realizar o valor biográfico como princípio organizador da narrativa, local em que inserem autor e herói, bem como o princípio organizador da consciência, da visão, do discurso que o *eu* terá de sua própria vida. A autobiografia se configura como forma de expressão do *eu* e está intimamente referenciada à historicidade do indivíduo. Segundo Bakhtin, ela se situa na fronteira entre a expressão do *eu* (o autor) e a do personagem (o herói). A narrativa da própria vida lhe dá constituição e se insinua como forma de construção da consciência do estar no mundo. Ela se

traduz numa relação da própria literatura com os aspectos íntimos da vida, um espaço edificado sob a égide da intimidade. Busca recuperar a espessura existencial da vida cotidiana, tentando surpreender, na experiência de cada dia, aqueles momentos de resistência do vivido, de insurgência da beleza e da verdade, capazes de dissolver os vínculos da rotina. Momentos, traços, rastros, indícios de experiência humana, de afirmação das possibilidades expressivas do sujeito no interior do precário cotidiano. Uma narrativa dessa natureza é sempre uma evocação e evocação é um ato poético à luz do qual a realidade histórica se funde e transfigura. A autobiografia se revela enquanto forma textualizada do tempo vivido. A narrativa da própria vida é a fonte de sabedoria sobre si, é o processo da narração, de textualização de sua vida que dará ao narrador o conhecimento que busca. Narrar, é também a possibilidade de recuperação da verdade de si mesmo perdida no tempo e no espaço.

Na autobiografia opera-se uma transposição de tempos, a escrita é feita em um tempo além, tornando-se uma visão dimensionada do presente para um passado mais aquém¹. Como gênero narrativo escrito, a autobiografia apresenta larga dificuldade de sistematização para estudo, pois delinea fronteiras muito tênues entre história e ficção. Através do recurso da memória ela encontra lugar próximo da história. Quando se questiona sua possibilidade de expressão de verdade vivida, enquanto forma de reconstrução, ela se situa perto da ficção. Assim, no gênero autobiográfico a relação entre memória, verdade e história é inerente. A história é sempre construção de uma experiência, que reconstrói uma temporalidade e a transpõe em narrativa. Trata-se de uma relação da própria literatura com os aspectos íntimos da vida, a insurgência do vivido, e numa enredada narrativa autobiográfica o pacto da cumplicidade se estabelece através dos detalhes da crônica familiar. O romance autobiográfico compreende, também, contos pessoais onde está presente a identidade entre narrador e personagem e a narrativa se dá na primeira pessoa, além de contos impessoais, onde os personagens são indicados na terceira pessoa.

Um dos propósitos de nosso texto reside no universo textual da vida íntima de mulheres que, na reflexão sobre suas vidas, passaram a romper o silêncio que as acobertavam no interior de seus lares, através da escrita². Ao fazê-lo recuperam atores sociais que ao saírem

¹ Mendilow, em estudo sobre a expressão do tempo na ficção, propõe uma distinção entre a ficção escrita em primeira pessoa, como o romance autobiográfico e o romance epistolar ou em forma de diário. Verifica que a impressão de tempo presente e imediato dificilmente tem sucesso nos romances em primeira pessoa, pois, *longe de facilitar a identificação herói-leitor, tende a parecer remoto no tempo. A essência de tal romance é ser retrospectivo e haver uma confessada distância temporal entre o tempo ficcional – o dos eventos conforme aconteciam – e o tempo real do narrador – o tempo em que registra aqueles eventos. Há uma diferença vital entre escrever uma história adiante do passado, como no romance de terceira pessoa, e escrever uma anterior ao presente, como no romance em primeira pessoa. Embora sejam ambas escritas no passado, na primeira cria-se a ilusão de que a ação está acontecendo; na última, sente-se a ação como se tivesse acontecido.* MENDILOW, Adam Abraham. **O tempo e o romance**. Porto Alegre: Globo, 1972, p. 121.

² Nosso foco inicial contemplava a discussão do manuscrito de Riukiti Yamashiro “Watakushi no Kiroku” – minhas memórias. Contudo, em função da densidade resultante da análise das memórias, em conjunto, com

de cena, levam consigo para a vida privada, fragmentos de história que permanecem ocultos no âmbito de suas existências individuais, versões sobre fatos e acontecimentos, representações de si e do seu lugar no mundo. Oferecem-nos a oportunidade de contato com leituras diversas do mundo, códigos de linguagem, que não poderiam ser apreendidos a não ser através da manifestação dos próprios atores. Tais sinais, de uma inteireza complexa, dependem de um leitor disposto a interpretá-los. E essa interpretação pode revelar muitas surpresas, ao referir os diferentes signos que regem os diversos grupos sociais no interior da sociedade, pois, através de recursos simbólicos homens e mulheres nos remetem aos tempos e acontecimentos dos múltiplos mundos que resultam da complexa heterogeneidade que atravessa o social.

Essa narrativa nos oferece um tempo múltiplo, que se superposiciona, diferenciando-se dos marcos gerais da história oficial, com novos marcos plenos de significados, capazes de constituir uma outra história para aqueles que os compartilham. Neste outro lugar, as diferenças sociais assumem uma força de expressão e geram a instauração de signos sensíveis para os que integram o grupo social ou a categoria de gênero. Há outras cronologias, edificadas em decorrência da significação de eventos e compartilhadas pelos grupos de vivência. Elas se impõem pela expressividade dos fatos que evocam e não podem ser ignoradas sem riscos de se perder a compreensão da dinâmica de determinados períodos.

Ao cruzar informações e acontecimentos, compreendemos que a narrativa realça, não apenas o autor, mas um ponto de vista forjado a partir de experiências particulares e as formas segundo as quais as condições históricas são apropriadas, re-elaboradas e vivenciadas pelas pessoas nas mais diversas inserções sociais. Tal entrecruzamento nos permite reconstituir o tecido social em toda sua complexidade. De um lado, incorporando a multiplicidade de significados e, de outro, revelando as determinações estruturais e simbólicas que imprimem sentido às práticas sociais. As referências do passado, indispensáveis para a constituição das práticas sociais do presente, justificam a exigüidade de registros sobre eventos de determinados grupos ou etnias aos quais, de certo modo, restam ter presença silenciada por práticas oficiais, que anulam sua experiência ou que comprometem as percepções de sua trajetória histórica. Está em jogo, portanto, um elemento constituinte do sentimento de identidade, valor sempre presente nas arenas de disputas sociais e intergrupais. Em um processo de publicização do privado, esta nova escrita feminina alargou os espaços do refúgio do *eu*, ousou expressar os devaneios da vontade e a falar de uma imaginação, de uma vontade que sonha e que ao sonhar imprime um futuro à sua ação. Essa escrita passou a desentranhar o universo feminino, instituiu uma literatura identitária imantada no *eu*.

“Sonhos bloqueados”, optamos por lançar a discussão em um texto com outra formatação.

Vamos recorrer às narrativas de escritoras nipo-brasileiras como objetivação de tal processo e, sobretudo, como cristalizações da memória da imigração japonesa no Brasil. Embora obras de ficção, há um forte componente de realidade nesses romances, que contam histórias de exclusão, isolamento, discriminação, adaptação e vitória. São testemunhos dos conflitos, dramas pessoais, sonhos bloqueados, dificuldades e sacrifícios enfrentados em uma luta diária instigada muito mais pela necessidade de sobrevivência e adaptação a uma cultura estranha, do que a busca de identidade. A narrativa de mulheres acrescenta aos fatos do cotidiano e aos sentimentos dos personagens a dimensão de gênero que dialoga com a experiência multifacetada da imigração e das condições de vida inerentes ao processo de diáspora.

Não são muitas as publicações, na língua portuguesa, de escritoras nipo-brasileiras. Do elenco pesquisado, escolhemos *Sonhos bloqueados*, texto de ficção que não ganha adjetivos apenas por sua beleza estética, mas, principalmente por se constituir em palco de sonhos. O presente estudo dará destaque aos elementos que nortearão toda a obra da autora, na perspectiva da história cultural, tendo como corpus a narrativa de Laura Honda-Hasegawa. O romance é escrito em primeira pessoa, na forma de uma biografia histórica, e é organizado aproximadamente ao redor do ciclo de vida familiar. Explora infância, acidentes de infância, doença e morte, e relações de mãe e filhos, namoro, matrimônio, trabalho doméstico, vida de casada. Trata, igualmente, de questões relacionadas a parentesco e comunidade, e traz capítulos plenos de rituais domésticos e celebrações, sociabilidade familiar, ajuda mútua e reciprocidade. Páginas são reservadas para Kimiko - personagem principal – que semeia quimeras de sonhos e devaneios da imaginação voltada para um tempo outro, que escapa das malhas do cotidiano. Rica em conflitos íntimos, expectativas violentadas e esperanças desfeitas, esta é uma obra envolvente sobre a mulher nissei e a aventura de viver. Sua memória comparece fornecendo elementos para compor novas práticas, referenciadas a formas de vida, infelizes e dolorosas vivenciadas, no passado. Insinua-se uma escrita marcada por um tom intimista, confessional, uma estreita relação entre a literatura e a intimidade da vida. No livro, Kimiko (personagem principal) constrói o relato de uma vida, transforma a vida em texto através de revisões na história que usa para falar da própria vida e de si mesma. Faz deste exercício um momento oportuno para conhecer-se e incorpora possíveis interpretações e re-interpretações sobre o vivido. Neste sentido, as vidas são textos, sujeitos a constantes re-interpretações. Ao textualizar sua vida, Kimiko assume a condição de escritora que constata sua condição inexorável de ser histórico, cuja narrativa resulta de um processo de saber. Trata-se de um exercício de reflexão, de auto-conhecimento. Opera-se, portanto, uma reconstrução do passado e, do mesmo modo,

uma transformação interna do indivíduo, pois, o *eu* do passado não é o mesmo *eu* que se apresenta no momento da escrita.

Apesar de história prosaica, ela reflete conflitos íntimos, esperanças desfeitas, sonhos violentados e se reveste de certa aura de fascínio por tecer entremeios com resquícios de tradições, hábitos e crenças da terra do sol nascente. Parece unificar a linha do tempo, onde passado e presente se apresentam unívocos. A ancestralidade povoa o imaginário de personagens de uma narrativa que, embora tangenciada pela realidade nua e crua, revela bastidores de uma vida cujo roteiro foi riscado por sonhos. Ainda que ficcional, não enreda o tempo futuro, apenas evoca a realização dos sonhos. A personagem expressa a necessidade de situar-se no espaço, no tempo e no grupo. Há, portanto, uma necessidade de auto-localização no interior do espaço social, no mundo simbólico da cultura. Ela busca identificar-se com a família, com a comunidade e com a cultura mais ampla.

Contudo, em *Sonhos bloqueados*, a personagem se impõe com a eloquência da narradora e, do mesmo modo, acentua e dá plasticidade aos lugares de outras mulheres, cujas vozes emergem na condição de co-adjuvantes importantes. Ela configura a referência para a família e cabe a ela o papel de mediar tensões e conflitos. Assim, ela reina no universo doméstico e encarna o sonho de realização na educação dos filhos e na família guiada por padrões culturais e conduta moral assentada no trabalho honesto e na honra da família.

Um caráter confuciano e patriarcal se faz presente na rígida disciplina, respeito e reverência, no sentido da obrigação e da obediência ao marido, reservando à mulher o papel subalterno. Desse modo, a resignação diante dos fatos e das dificuldades da vida é uma virtude. Conhecer o lugar devido é mesmo conhecer as regras, as normas e os códigos que orientam o grupo. Entre os nipo-brasileiros, que em tempos mais precoces se estabeleceram em vasta área de colonização dos estados de São Paulo e Paraná, a mulher não emerge como personagem principal. Como indivíduo, ela cede lugar à família, o cenário de todas as atenções. Neste sentido, há nexos no fato da literatura respectiva não reservar um espaço de plasticidades para as personagens femininas. A família assume papel fundamental em uma espécie de arranjo discursivo, pois fornece não apenas um modelo, mas também um conjunto de normas. O que se constata é em um verdadeiro processo de aprendizagem de reinvenção das vidas para se atender as necessidades de relacionar-se com a família. Este processo de invenção da vida que se textualiza e que se sujeita às interpretações e re-interpretações põe em evidência o papel primordial da família na estruturação das temáticas da narrativa.

Considerando o caráter patriarcal da família japonesa, ressalta-se o papel de provedor como inerente ao homem, a quem cabe a responsabilidade por si e pelo grupo,

sendo a mulher relegada a um papel secundário, como mera colaboradora do marido. Esta atitude reforça a organização tradicional dos papéis de gênero, segundo a qual as tarefas domésticas são da menor importância se comparadas às do marido a quem cabe o papel de prover a família, através de uma vida de trabalho fora de casa. Para as mulheres, a referência é sempre o universo doméstico, com a figura da mãe como cerne do bem suceder familiar. A subordinação da mulher ao homem é função de um discurso que se orienta pela salvaguarda dos princípios da hegemonia cultural masculina, sendo o corpo feminino uma construção que se vai adaptando aos imperativos de uma ordem falocêntrica dominante. Não se manifesta neste espaço nenhum embate pela concepção de destino.

A narrativa de Kimiko nos fornece a visão da mulher sobre sua vida e a de sua família no processo nada fácil de adaptação à realidade da imigração e ao mundo reservado aos nipo-brasileiros. Sua geografia é o universo doméstico, embora este se apresente contextualizado em fatos históricos e características culturais dos dois macro-horizontes nos quais os personagens transitam: Brasil e Japão. Este último, sobrevivendo apenas no imaginário dos imigrantes, já que o sonhado retorno à terra natal quase nunca é possível, pois é como estar em dois lugares ao mesmo tempo, e não estar em nenhum. É viver como presente e sonhar como ausente.

E a memória comparece fornecendo elementos capazes de compor novas práticas, referenciadas a formas de vida menos dolorosas vivenciadas no passado. A solução autobiográfica surge, neste ponto, como uma translúcida operação de mimesis: nem verdade, nem ficção, mas aparência próxima da realidade e simulação mínima da ficção. Notamos a presença de uma escrita destinada a preservar um tom quase confessional. Trata-se, enfim, de uma relação da própria literatura com aspectos íntimos da vida. A viagem física e interior se dá como experiência necessária, inevitável e sempre fundamental.

Ao recorrer a uma imagem que pudesse encerrar este texto, cujo foco centrou-se na idéia de mulheres nipo-brasileiras, transmutadas genericamente na literatura em resignadas e submissas, mas que se apresentam como modernas guardiãs de tesouros de seu tempo, ocorreu-me a proposição de Bachelard de que *todo germe de ser é germe de sonhos*. Estendendo essa reflexão à memória social, percebemos que a cristalização das imagens do passado legitima uma ordem social presente, o que leva a pressupor a existência de uma memória partilhada entre os participantes de qualquer ordem social. Esta observação se insinua bastante útil para a compreensão dos mecanismos de reprodução das diversidades no interior de uma sociedade marcada por heterogeneidades. Poderíamos concluir que não só a autobiografia, mas o próprio romance autobiográfico evidencia uma medida rígida e impraticável da escrita: a constituição

irresoluta do eu-narrador não lhe consente conclusões ultimativas de si mesmo. Talvez nossa compulsiva atuação coletiva no espaço social nos exteriorize cada vez mais em relação a nós mesmos, na criação de um mundo em oposição à possibilidade de um importante sonho, e seu espaço, que desaprendemos cada vez mais a sonhar.